



Secretario da redacção: AVELINO DE SOUSA

Publicação semanal literaria e illustrada

Propriedade e direcção de **JORGE GONÇALVES**

Redacção e administração — Rua do Arco
a Jesus, n.º 81-1.^o
Composição e impressão — Sociedade Nacional
de Tipografia, Rua do Seculo, 43

NÃO SE RESTITUEM
OS ORIGINAES

Assinaturas: Series de 10 numeros 20 centavos (200 réis) pagamento adiantado —
Avulso 2 centavos (20 réis)

ADMINISTRADOR-EDITOR — JOÃO C. DE SÁ

João Camilo



UMA comissão de amigos do Fado e do nosso semanario, compreendendo o esforço enorme que fazemos para o manter, teve a gentileza de preparai-nos uma festa de homenagem que será implicitamente uma fonte de receita por meio da qual—estamos certos—poderemos fazer face aos encargos pesadissimos que de momento nos oneram. Breve se realizará essa festa que será, mercê dos belos elementos que compõem o seu programa, um brilhantissimo saíou de Arte e bom gosto, onde se farão ouvir as mais delicadas canções portuguezas que enfileiam ao laço do nosso querido Fado e onde a maviosidade da plangente Guitarra vibrará, não só como interprete da canção nacional e acompanhadora diletta da lusitana trova, mas tambem como executadora corretissima de varias peças de concerto.

«A Canção de Portugal», que exclusivamente tem vivido do amavel concurso dos seus gentis colaboradores—entre os quais tem logar primacial muitas senhoras de Lisboa, da provincia e até das nossas formosissimas ilhas—e do preciosissimo auxilio dos seus estimados assinantes e leitores, espera que todos aqueles que amam o Fado e este seu unico órgão na imprensa, se darão rendez-vous n'essa festa que se prepara e pelo bom exito da qual nos confessamos antecipadamente gratos e lisongeados.

Publicam-se todos os originaes que nos sejam enviados da provincia desde que sejam escritos em harmonia com a indole do nosso jornal e que noticiem festas populares ou particulares onde se salientem as canções portuguezas.

A Canção de Portugal começará brevemente a distribuir um brinde mensal a todos os assinantes inscritos nos seus registos de assinaturas.

Se alguma duvida nos restasse de se cada vez mais, mercê de muito estudo e persistencia. são qualidades inatas no homem, ela desapareceria em face do que se dá com o nosso biografado de hoje

João Camilo, nascido na formosa vila de Arraiolos, veio ao mundo como que sob a influencia de Euepe, pois que logo aos 9 anos de idade—quando as outras crianças fazem, quando muito, diabruras e fazetas ao collegio—ele compunha valsas, ordinarios, mazurkas. E' larro que essas simples produções não podiam deixar de ser mais ou menos defeituosas; todavia, é certo que marcam de uma fôrma exuberante a vocação artistica não destituida de talento, invulgar em crianças de tão tenra idade. Não permitiu, infelizmente, a situação de Camilo que ele estudasse tanto quanto levava para que hoje pudesse ser um artista de larga cotação. No entanto, despedido de vaidade e modesto talvez em demasia, João Camilo é um artista apreciabilissimo, tendorevelado sempre um grande amor pela musica e diligenciado aperfeoiar-

Discipulo do notavel guitarrista Reinaldo Varela, fez o curso de rudimentos e o primeiro ano de harmonia, e hoje toca com muito sentimento varias seleções de fados, uma das quais em dó, que, além de sair da vulgaridade, é de um esplendido efeito. A solo, tambem o nosso biografado tem executado varios trechos de opera na guitarra, tendo feito parte, como guitarrista, das orquestras dos teatros Republica, Rua dos Condes e, atualmente, do Apollo. O seu nome, conhecidissimo e aplaudido nos varios clubs, na Tuna Comercial e outras, já esteve ligado, como regente, á Troupe de Bandolinistas Estribilho, pois que João Camilo tambem toca bandolim e muito bem.

A GUITARRA

Sua historia e psicologia—A Guitarra e o Fado—A evolução do Fado—Reabilitação da Guitarra

Conferencia realisada no salão do Conservatorio de S. Paulo pelo jornalista portuguez, padre sr. J. Machado, (Zema).

II

Em todo o caso ele possui o quer que seja do temperamento quente do meridional, a sua vivacidade, a sua algazarra de sons fortes como cimbalos e tambem alguma coisa tem da sentimentalidade nevouenta e sonhadora dos paizes do norte onde o sol não se desfaz em cascatas de luz, parecendo coado meigamente atravez de neblinas eternas e umbragens misteriosas de bosques onde o vento sussurra nas agulhas dos pinheiros.

Feita para a alegria e para a tristeza, para a canção e para a dança, para o amor e para o desespero, a guitarra chora, soluça e murmura aneios de esperança e a guitarra freme e vibra e canta, murmurando docemente segredos de ventura que vive nos corações em latejantes saudades ou em promessas doiradas de doiradas ilusões.

Como as cigarras na calentura suave das horas estivas, o magico instrumento tem orquestras de notas alegres, vivazes, ricas de colorido. E como os rouxinolos, na calada obscura das noites, ela gorgoeja serenatas doces e romances de amor, traindo um mundo de paixões.

Venha, porém, d'onde vier, a guitarra foi sempre a companheira fiel da poesia portugueza e a cantora do seu fado, do seu destino atravez do tempo.

O lirismo das trovas provençaes, nascidas n'essa soalhenta provincia de França, com a sua Crau ardente e os seus outeiros cobertos de oliveiras e laranjaes em flor, com os seus vinhedos, o seu Rhodano de sete bocas, a sua Camarga selvagem de Marselha a Valençole, terra tão semelhante ao jardim de Portugal á beira-mar plantado,—o lirismo d'essas trovas, acompanhadas á viola de arco e á cistola moirisca—antepassados da moderna guitarra,—enertou-se naturalmente nos primeiros cantarchilos populares da patria portugueza, terra de saudade onde, na frase colorida de Antero de Figueiredo, "no amor sempre deverá ter existido um doentio mal estar voluptuoso, como se a alma faltasse, no bem que se tem, o bem que se assentou; certa doce resignação dos que, sentindo-se insulados e solitarios, offerlam seu desamparo a ignota divindade; o lento penar de um cair de luz sobre uma mancha de lilaz, arroxendo-a, enoutecendo-a; o incoercivel aneio do desejo e da aspiração do espirito—mistura de querer ardente e de nostalgia suspirosa, como se a sensualidade de um vul-

CANTARES

Cantares nostalgicos

Vêde a brilhante flótilha
que costeia as rochas fósca:
E' a espuma que rentilha
as praias de areias fósca.

Neptuno, creio que fuma
n'uns gigantescos cachimbos:
Do seu fumo nasce a bruma
por entre doírados nimbo!

O deus do Mar vem ralar
com as ondas buliçosas,
por não quererem entoar:
—Cantae, ó moças airosas!

Triste terra onde a Mulher
vê no cantar mero luxo,
nem move o rosto, sequer,
dentro do feio capucho!

Oh! Continentes robustas,
de saias tão pregueadas!
Mostrae as fôrmas augustas
pelo sol bem mordiscadas,

As noivas encapotadas
para o sim do casamento
e as ilhóas não fadadas
pelo vosso sentimento!

Imaginae, ó creoulas,
um céu puro e luminoso
sob o qual gemem as rôlas
um bemdito mavioso!

Vós sabeis—vilas, herdades,
porque eu ando impertinente?
São lembranças, são saudades,
do meu lindo continente!

Açóres

Malvia Doria.

BEIJOS

Os beijos são a delicia
das boquitas de carmim...
Os beijos são a caricia
a mais bela, a mais ruim!

Os beijos são tentação,
pequenos pedaços d'alma,
são a febre, a sedução
que enlouquece, ou nos acalma!

Ha uns beijos que são frios
como o marmore, gelados...
Semelhão do mocho os pios,
são beijos envenenados!

Outros, porém, ha tão quentes
que custam a suportar...
Não serão dos mais decentes
mas todos gostam de os dar!

Ha uns beijos castos, puros,
outros ha mais eloquentes...
Ha tambem beijos maduros,
já sórvados, decadentes!

Ha uns beijos proibidos
que de fugida se dão...
Esses beijos são sentidos,
são beijos do coração.

Ha uns beijos que se vendem
como se vendem as flôres,
esses beijos, bem se entendem,
são os beijos pecadores.

Mas o beijo mais ardente
que se dá com mais calor,
é sensual beijo quente,
chamado beijo d'amor!

Zerep.

Novas idéas sobre o Fado

(Carta ao escritor X...)

Meu prezado amigo

Em primeiro logar devo pedir desculpa
de lhe escrever por intermedio d'este jornal,
mas faço isso por ser nova (e chamolle
assim porque a não vi em livros ou
artigos de ninguem) parte da materia aqui
expendida, e poder interessar, por isso, os
leitores de *A Canção de Portugal*.

Acusa-me V. Ex.ª de ser exagerado,
mesmo demasiadamente exagerado, nas mi-
nhas convicções de amator do Fado. E a
proposito permite-se dizer da popular can-
ção o que Mafoma não disse do toucinho.
Entende V. Ex.ª que o Fado, a par do seu
nenhum valor literario, é uma canção de
gente duvidosa que fez das tabernas e dos
Jupanares os templos da sua fé e da sua
jilolatria. Vou tentar provar-lhe, meu caro
amigo, a sem-razão de alguns dos seus
argumentos.

Começarei por afirmar d'uma maneira
terminante e clara que não exagero quan-
do digo que o Fado é uma bela canção,
por isso que o Fado que eu adoro e admiro
é tirado das paginas fulgurantes da
nossa Historia, da Alma amantíssima do
nosso povo e da beleza sem igual da nos-
sa terra. O equívoco resulta de que o meu
amigo julga que o meu amor pelo Fado
abrange todos os fados, o que não é ver-
dade. Quando eu digo que amo o Fado,
quero significar apenas que amo o Fado
que eu sinto e compreendo. Os fados mais bai-
xos ou mais altos que o meu não os com-
preendo nem os sente a minha alma acri-
vaga de rapaz.

Que pretendo, pois, eu, quando faço
a apologia do Fado? Apenas conquistar a
supremacia dos corações para o Fado que
eu sinto. E' isso que eu e Costa Rosa
vamos tentar fazer, animados pela Fé e
pelo Amor que as almas novas põem sem-
pre ao serviço das causas nobres!

Assim, o Fado que eu compreendo e
sinto tem um grande valor literario, por
isso que é tirado da lembrança santificada
do Passado, da Patria e da nossa
terra, do azul turquí do nosso Céu e da
musica amorosa do Mar—esse grande

poeta ha tanto tempo enamorado do nosso
valor e da nossa gloria!

O Fado de hoje conserva-se n'uma iner-
cia que chega a ser criminosa. E' por isso
que o meu amigo o ouve constantemente
chorar, n'uma pieguice que irrita os nervos
menos irritáveis, perdidos amores de com-
borças e mareantes; é por isso ainda que
V. Ex.ª o encontra com frequencia pelas
betesgas sinistras da cidade, de navalha
em punho e imprecações na voz pastosa
e avinhada, a ameaçar as vidas dos des-
preocupados transeuntes. Mas isso é o
fado de hoje.

O Fado que eu sinto e compreendo—
ao qual, agora, chamarei o *Fado de aman-
nhã*—pode na verdade ir habitar as ta-
bernas e as casas de má fama, mas pode-
rá sair de lá tão purificado e limpo como
para lá entrou. Então, o Fado não será
um elemento de desordem mas, ao con-
trario, terá o condão de regenerar os vi-
ciosos e os maus, levando-os para a es-
trada do Bem aonde a luz feérica da Ver-
dade brilha em todo o seu esplendor. E
veja o meu prezado amigo que bela coisa
esta, a de combater o vicio e a podridão
pela Arte—função social!

E' na gente nova que eu e Costa Rosa
confiamos para a sustentação da nossa
idéa. Se ela triunfar, já depois do meu pre-
zado amigo não terá razões que o levem
a abominar a popular canção.

Por hoje, e visto que esta vai demasia-
damente longa, fiquemos n'isto: O Fado
de hoje é em verdade o que o meu amigo
viu; mas o Fado de amanhã, esse que eu
conheço e sinto, é o que mais se coaduna
com a índole e as tradições do povo por-
tuguez e, assim, será o que foi em tempos
idos: uma canção nacional.

Para tudo o que lhe for prestavel está
sempre ás ordens o

Seu admirador

Ernesto Belo Redondo.

**A Canção de Portugal começará
brevemente a distribuir um brinde
mensal a todos os assinantes inscritos
nos seus registos de assinaturas.**

ção se vestisse com o crepusculo das
Ave-Marias...

Nos Trovadores provenças o amor é
galantaria; em Portugal é dor e chama-se
"cuidado". Acolá é culto e vario; ali sin-
gelo como flores silvestres e melancolico
como toada de choacalho, ecoando de que-
brada em quebrada. N'uns, é graça leve
que passa; n'outros, aféto certo que moe
e mata'.

Mas a poesia d'esses tempos de singela
beleza, em que já, ao som das violas,
como hoje ao som das guitarras, se traduzia
tão firme o nostalgico temperamento da
raça portugueza, decaiu logo, a seguir á
morte do rei trovador, para ceder o passo
às sensaboronas composições palacianas
do começo da segunda monarchia, das
quaes, como um extrato sedimentar sem
grande valor, ficou o cancionero de Gar-
cia de Rezende. Os trovadores desapare-
ceram. "No entanto devia ainda haver,
na irreductibilidade do sentir luso de uma
raça amorosa e saudosa, aqui e além, na
sombra a que se acoutam os menos com-
preendidos, muito pulsar de amor melanc-
olico sentido por donzelas que, em sua
tristura, nas sombras dos recantos, (enten-
dedores de confidencias) para si repetiriam
esses cantares antigos, guardados em ca-
dernos manuscritos, que passavam de mão
em mão e eram decorados ainda por al-
guns jograes que os cantavam á cítara".

(Continúa).

Aos amadores dramaticos

"Belgica heroica"

Tem este titulo um drama em 2 atos,
que o nosso amigo e colaborador sr. Ma-
nuel Gonçalves acaba de publicar em fol-
heto. E' simultaneamente um hino á va-
lente nação que as herdades germanicas
espesinharam e um vibrante anatema á gue-
rra que levou o luto e a desgraça ao seio
de uma familia de camponezes. Tem in-
tensidade dramatica e situações interes-
santes, pelo que se lê com emoção, de-
vendo dar boa realisação cénica.

A peça custa, apenas, 200 réis, e está
á venda, na livraria Carneiro & C.ª, da
travessa de S. Domingos.

Quadras alemtejanas

(A minha querida terra...)

Inda vem distante a aurora
e já estas mocetonas
vão cantando, estrada fóra,
na apanha das azeitonas!

Vão cantando aos seus amores
sem sentirem que faz frio,
e os moços varejadores
ripostam ao desafio.

Vae no rancho uma velhinha
que soluça uma cantiga...
Recorda-se a pobresinha
dos tempos de rapariga!

E, mastigando as bolotas
com certa dificuldade,
com as suas anedotas
faz rir muito á mocidade.

Aquelas moças, bondosas,
educadas no trabalho,
para mim são como rosas
osculadas pelo orvalho!

As aves dormem nos ninhos,
e fica a estrada deserta...
Nos regatos dos caminhos
as rãs vão gritando:—Alerta!

Alegres, sempre cantando,
lá chegam ás oliveiras!
A Lua sorri ao bando
d'aquelas moças trigueiras.

Subito, pára a canção:
Voltam-se todos sorrindo,
saudando com devoção
o Sol ao nascer, tão lindo!

Montemór-o-Novo

Albino de Jesus Scheidecker.

BEBAM A FINISSIMA
Agua do Alardo
A MELHOR DE MEZA

A festa de "A Canção de Portugal"

E' no proximo dia 5 de março que, no teatro Moderno, se realisa, ás 20 horas
prefixas, a recita promovida por uma comissão de amigos em homenagem ao nosso
semanario, com o seguinte interessante

PROGRAMA

1.ª parte

- I—**Palavras** sobre o Fado e canções portuguezas pelo talentoso advogado sr. dr. Amancio d'Alpoim.
- II—**Fados** cantados pelo ex.^{mo} sr. Luiz Macieira, acompanhados á guitarra e viola, respectivamente, pelos distintos amadores ex.^{mos} srs. Carlos Maia e Pedro Rola.
- III—**Guitarra a duo** pelo eximio professor sr. Reinaldo Varela e seu discipulo sr. Pedro de Araujo, os quaes executarão a *Polonaise*, de Paër, e a *Grande Rapsodia de Fados*.
- IV—**Canções portuguezas**, do illustre maestro A. Sarti, cantadas pela ex.^{ma} sr.^a D. Isabel Barahona e acompanhadas ao piano pelo seu autor.

2.ª parte

- V—**Ditoso fado**, comedia em 1 ato do Barão de Roussado, desempenhada pelos distintos amadores ex.^{mos} sr.^s D. Adosinda Tavares e Julio Mariano.
- VI—**Fados** cantados pela ex.^{ma} sr.^a D. Maria Luiza Martins, acompanhada á guitarra pelo professor sr. Reinaldo Varela.
- VII—**Solos de guitarra** pelo eximio guitarrista ex.^{mo} sr. Salgado do Carmo, recentemente chegado do Brazil, onde alcançou um grande triumpho.
- VIII—**Fados** cantados pelos conhecidos e distintos cultores da canção nacional srs. Francisco Viana e João Maria dos Anjos, acompanhados á guitarra e viola pelos srs. Carlos Maia e Pedro Rola.

Depois de organizado este programa recebemos a adesão dos distintos guitarristas Luiz Petrolino e João Camilo que tocarão os fados da sua especialidade, e que são incluídos no programa que repetiremos no proximo numero.

O distincto guitarrista sr. Salgado do Carmo é incluído no nosso programa visto que nos afirma empregar todos os seus esforços para se encontrar em Lisboa no dia da nsta festa, não obstante ter compromisso tomado para uma terra da provincia onde issera que o dispensem. Caso contrario será substituído pelo eximio professor sr. Julio Silva.

Como se vê é esta uma festa que deverá revestir todo o brilhantismo e para a qual a enorme entusiasmo entre todos aqueles que apreciam as melodiosas trovas portuguezas havendo já muitos pedidos de logares.

Os bilhetes que restam á venda encontram-se na redação do nosso semanario ou na sua sucursal, Tabacaria Saraiva, em frente da sacristia de S. Domingos.

FADO Serenata

Musica de AUGUSTO HILARIO

FADO LITERARIO

Laura e Petrarca

A' ex.^{ma} sr.^a D. Adella Silva.

III

Ventura

MOTE

Dissipou-se a treva densa que a alma lhe anuviava, já tinha a ventura imensa por que ele tanto anciava!

GLOSAS

Rompeu a aurora sagrada, aurora d'amor, brilhante! Oh! que luz tão deslumbrente a d'essa linda alvorada! Na su'alma torturada por essa paixão extensa já penetrou a bemquerença que o vate aimeja, sorrindo! A' luz d'esse amor bemvindo dissipou-se a treva densa!

Bem dita a dôr que tortura, bem dito o fogo que abraza, pois do Amor a branca az traz sorrisos e ventura! Aquela santa loucura que o peito lhe atormentava não se extinguiu, mudava mudava-se em alegria a doce melancolia que a alma lhe anuviava.

O sol já tem mais fulgor, as aves mais doce canto, a Natura mais encanto, o ceu mais limpida côr! Foi Deus o transformador que operou esta diferença da treva p'rá luz intensa que a Petrarca faz sorrir... De Laura, enfim, possuiu já tinha a ventura imensa!

Oh! que de beijos ardentes trocados, e que caricias! Que doçuras, que delicias, que abraços ternos, frementes! Ditosos dias ridentes o vate agora passava ao pé d'aquela que amava com ternura sem igual, por ser Laura o ideal por que ele tanto anciava!

(Continúa).

Nazaré

J. C. Vieira.

Galeria de honra

A crise que asoberba todos os jornaes, causada pela carestia do material, não poupa este modesto semanario, cuja existencia se deve exclusivamente ao favor do publico. Assim o tem comprehendido dedicadissimos amigos da Canção e fervorosos cultores da causa por ella defendida, angariando-nos, expontaneamente, algumas assinaturas, que representam sangue novo infiltrado na nossa vida. Testemunhamos a todos esses dedicados amigos o nosso reconhecimento, inserindo os seus nomes n'esta secção, para elles exclusivamente creada. A Galeria de honra será, de ora ávante, uma das nossas mais nobres secções, e dar-nos-hemos por felizes se pudermos eternalisa-la nas columnas da Canção de Portugal.

MANUEL COSTA MONGE, de Aideda Nova de S. Bento.

FRANCISCO AUGUSTO DE FIGUEIREDO, de Penamacôr.

MANUEL EUGENIO PETRONILA, de Lisboa.

JOSÉ B. CORREIA GUEDES, de Santa Cruz da Vila Meã—Venda do Campo.

Eis a lista dos assinantes respetivamente angariados por estes srs.:

Aideda Nova de S. Bento, Francisco Costa Romualdo; Penamacôr, Francisco Garcia Ribeiro; Lisboa, Norberto Luiz Correia, Artur Sousa Campos e Fernando Gouveia; Venda do Campo, Afonso Gonçalves Barroso.

A "Canção" na Provincia

Alemquer, 12-2-917—Realizou-se no passado dia 8 do corrente fevereiro, n'uma casa particular d'esta localidade, um esplendido baile muitissimo concorrido e no qual tomaram parte muitas senhoras e cavalheiros d'esta vila. Durante a soirée que decorreu brilhantissima, foram cantadas varias canções ao fado por distintos amadores de Alemquer, que foram aplaudidissimos. Foi o clou da festa esse maviosissimo Fado, tão entusiasticamente apreciado por todo o povo d'esta vila, e cujas vibrações emotivas parecem penetrar-nos o espirito, dulcificando-o e fazendo-nos sonhar em arroubos de saudade e de paixão. A guitarra, trinando as mãos do distinto amador e nosso amigo sr. Francisco Dong, acompanhou superiormente as lindas trovas cantadas ao Fado significador e educativo, que nos toca o coração e nos enternece a alma, porventura perfumada pela terna vibração dos seus acordes. Foi uma noite de alegria que perdura-

rá na memoria de todos aqueles que tiveram a felicidade suprema de assistir a tão linda festa.

Juta.



marco agosto

Joaquim Nogueira e Silva—A' bizarra, curiosa e virgiosa carta de v. ex.^a; temos a responder o seguinte:

Que é velha mania das pessoas velhas gabarem tudo que existiu na sua mocidade longinqua e menosprezar o que na actualidade existe, não tendo a necessaria largueza de vistas para apreciar a superioridade progressiva do Presente, em geral mais valioso do que o Passado; que n'este caso está o Fado, outr'ora cantando apenas estrofes á mulher perdida e apoloias da estupidéz das touradas brutificantes, ao passo que hoje canta tudo que é grandioso e belo;

que os atuais cantadores de fado, propriamente ditos, não dão suspiros e ais, pois que estes apenas são proprios das baladas coimbrás cantadas por estudantes;

que quando dissémos ser Julio Silva o primeiro guitarrista portuguez—e continuámos a affirmar—o e o successor de João Maria dos Anjos, referiamos-nos apenas ao vasto conhecimento dos segredos da guitarra que Julio Silva tem, e não aos metodos;

que não temos, todavia, reboju em afirmar que o método é o mesmo, por isso que João Maria dos Anjos tocava na afinação natural, a mesma em que tocam Julio Silva, Tomaz Ribeiro, Carmo Dias, etc.

que Julio Silva não usa o processo de Carolino Brandão, pois que este é seguido por Alberto Lima, precisamente aquele que v. ex.^a diz que o não usa!

Que a Canção de Portugal tem prestado homenagem a artistas, poetas e trovadores categorizados pelo consenso unanime do publico, e nunca a pessoas sem coação;

que coação não tem v. ex.^a, por isso que ninguém o conhece no meio, pelo que deve ser considerado como um illustre anonimo;

que tudo quanto v. ex.^a diz acerca da guitarra a solo, já foi dito em artigo de fundo do nosso semanario assinado pelo mesmo signatario da apreciação feita acerca de Julio Silva; que, apesar d'isso, para tocar guitarra a solo é preciso ter dedos;

que Julio Silva responderá a v. ex.^a tecnicamente;

que, a orientarmos-nos pela cabeça de v. ex.^a, —uma vez que o existente não presta—teríamos de considerar o Fado morto, os guitarristas átuos mortos e igualmente morto o nosso semanario! Um cemiterio completo! Uma avalanche de enterros! Um sem numero de covas a abrir! E não haveria crêpe que chegasse para tanto luto!

Que, finalmente, esta interminavel série de quês é em homenagem á copiosa abundancia de virgulas da carta de v. ex.^a

Et c'est fini, porque...

Fados e Canções de Coimbra

PARA PIANO

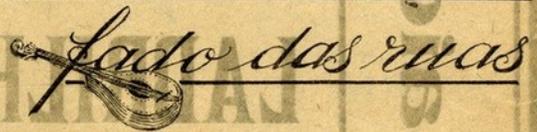
Raul de Campos	
Fado n.º 4 (6.ª ed.)	\$30
Fado n.º 10 (5.ª ed.)	\$30
Cesar Magliano	
Rapsodia de Fados Populares	\$50
Beljos (Fado)	\$30
Dr. Francisco Menano	
Album de Fados de Coimbra	\$50
José Elyseu	
Canções Populares de Coimbra	\$80

A' venda em todas as casas de musica de Lisboa e Porto.

Satisfazem-se na volta do correio e franco de porte todos os pedidos feitos directamente a

CASA FONSECA de José Ferreira & C.^{ia}

Rua Visconde da Luz, 43 COIMBRA



CINZAS

MOTE

O porcalhão Carnaval Grosseiramente jocundo, atacado de "pobreza" encontra-se moribundo.

GLOSAS

Out'ora lantejoulado e brilhante de setins, tinha o Entrudo dois fins: ser Rica e ser Malereado. Era estúpido, coitado, atrevido e até brutal! Mas era rico, afinal, vestia bem, o maroto... Porém, hoje, é pobre e roto o porcalhão Carnaval.

Deixou-o a gente séria na qual o civismo atúa, abandonando-o na rua á lama, á chuva, á miséria! Sua marcha deletéria faz hoje um nojo profundo... Banido de todo o mundo, custando-lhe equilibrar-se, quasi nem tenta mostrar-se grosseiramente jocundo!

E' que a Civilização varre, na sua passagem, essa entredesca trapagem reescedente a podridão. O Carnaval folião que, na terra portugueza, mostrava d'antes riqueza esplendor e galhardia, entra agora na agonia atacado de "pobreza".

Oxalá que não tardasse vel-o de vez perecer, para podermos dizer: —Morreu! Requiescat in pace! E' natural que tombasse na cinza, esse velho imundo, esse Entrudo nauseabundo, polichimelo do Viejo que, no leito escrementicio, encontra-se moribundo.

Ávelino de Sousa.

CARLOS HARRINGTON

(A' sua memoria)

MOTE

Solteja guitarra, chora pelo teu dileto amante que nos deixou, e partiu p'ra um planeta distante.

GLOSAS

Alma cheia de bondade, coração afetuoso, era lhano, era bondoso, e despi-do de vaidade! Amando a Humanidade que é ingrata, mas embora, socorria-a sem demora sem nunca mostrar enjão! —Por teu vate dedicado, solteja guitarra, chora.

A perda é irreparavel d'esse poeta inspirado, tão modesto e delicado e d'um trato tão afavel! A todos era agradável seu intellecto brilhante do mais puro diamante, e do Fado defensor! —Expande, ó guitarra, a dôr pelo teu dileto amante!

O fino improvisador, era um bom, mas infeliz... Seus improvisos gentis acalmaram muita dôr! No seu verso educador para o Bem nos impeliu e em sua Musa floriu a frase bela e seléta! —Guitarra, chora o poeta que nos deixou, e partiu,

p'rá esfera desconhecida onde não há falsidade, onde, talvez, a Amizade seja mais reconhecida! Ele, para quem a vida foi um labutar constante, uma luta cruecruente na qual affim succumbiu, deixou o mundo e fugiu p'ra um planeta distante.

B. J. M.

A absoluta falta de espaço forçamos a retirar a secção "Belas Letras".

Rangel & Simões
103, Rua do Carmo, 105
LISBOA



Instrumentos musicos e acessórios.
Officinas de reparações
Catalogos gratis

Tátá & Rodrigues, L.^{da}
Retrozellos
53, Rua Garrett, 55—LISBOA
Completo sortido d'artigos de retrozaria e novidades
TELEPHONE N.º 1175

Antonio Bastos
Comissões e Consignações
Exportador de Produtos nacionaes e estrangeiros
Rua dos Remolares, 6, 1.º
LISBOA
TELEPHONE N.º 1487 22, Caixa no Correo, 22
Endereço telegraphico ANTASTOS

Rapidez e economia

TURCO
— DO —
GALHARIZ
Alfaiataria
— DE —
Miguel José Pereira
Atualmente:
Exposição das novidades sensacionais para inverno.
5, L. do Galhariz, 6
LISBOA



Empreiteiro
Encarrega-se por preços modicos de pinturas, calções, estuques e quaisquer outros trabalhos de construção civil em Lisboa e fóra.
C. de S. João da Praça, 108, cave
J. VIEIRA

Todas as musicas de piano
Todos os sucessos de dança
Todas as novidades de canto se vendem na
Casa Valentim de Carvalho
37, Rua da Assunção, 39
LISBOA

ESTANCIA DE MADEIRAS
CARPINTARIA E MARCENARIA
Botto Machado, Irmãos
GOUVEIA

Madeiras nacionaes e estrangeiras
CONSTRUÇÕES E RECONSTRUÇÕES
Cal hydraulica, cimentos e gazolinas

Movels em todos os estilos, ferragens, tapetes, oleados, espelhos, vidros, etc., etc.
Serviço de mercadorias da estação de Gouveia para a villa.

Brevemente, maquinas de serração, aplainar, furar e moldar.

R. Potau & C.^a

FABRICA

— DE —

LADRILHOS MOSAICOS

Especialidade em lavadouros e depositos de cimento armado, tinas e lava-louças de granitoide

PREÇOS SEM CONCORRENCIA

Agentes exclusivos da:

URALITA

Para telhados

MOSAICOS DE LUXO SEGUI

Machina Iberia para fazer blocos de cimento

R. Saraiva Carvalho, 143 Lisboa

Endereço telegraphico: EMPORDA

Ladrilhos mosaicos

URALITA PARA TELHADOS